

PRINCÍPIOS ORGANIZADORES DO DISCURSO: As estratégias de polidez

Fátima Cristina Pessoa Rocha
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Na busca de instrumentos de análise para as marcas que compõem a organização dos discursos sobre a cultura amazônica, o presente trabalho é o resultado de uma etapa de pesquisa em que considerei a possibilidade de utilização da Teoria da Polidez, proposta por Brown e Levinson (1987), para a descrição e interpretação dos dados reunidos do corpus do Projeto Integrado IFNOPAP. O roteiro apresenta considerações gerais sobre a teoria, bem como ilustrações de estratégias de polidez identificadas na entrevista selecionada para análise. Desse modo, pretendo considerar em que medida os postulados sobre a Teoria da Polidez poderão contribuir para o alcance do objetivo maior da pesquisa que ora desenvolvo: identificar, descrever e analisar, na interação entre pesquisadores e informantes do projeto IFNOPAP, as marcas do discurso que sinalizam o modo como se negociam as relações interpessoais em uma relação hierárquica entre sujeitos que atuam em domínios de conhecimento distintos.

PALAVRAS-CHAVE: Interação; relações interpessoais; Teoria da Polidez.

ABSTRACT

In the search for instruments of analysis of marks that compose Amazonian culture, the present work is the result of one stage of the research in which I considered the possibility of making use of the Theory of Politeness, proposed by Brown and Levinson (1987), to describe and interpret data collected from the Integrated IFNOPAP Project. The guide presents general considerations about the theory, as well as illustrations of strategies of politeness identified in the selected interview to analyse. In so doing, I intend to consider to what extent the postulates about the Theory of Politeness may contribute to the scope of the major objective of the research that I am developing: to identify, describe and analyse — in the interaction between researchers and informants of the IFNOPAP Project — the marks of discourse that signalize the manner how interpersonal relationships are negotiated in an hierarchical relation between fellows that act in distinct domains of knowledge.

KEY WORDS: Interaction; interpersonal relationship; Theory of Politeness.

1 INTRODUÇÃO

As entrevistas que compõem o corpus do Projeto Integrado IFNOPAP constituem um material de análise rico que dispõe informações acerca do sujeito da Amazônia por meio do discurso sobre a sua cultura. Esse corpus, atualmente composto de aproximadamente cinco mil narrativas recolhidas em diferentes regiões do Estado do Pará, é o registro do imaginário na vida do amazônida paraense.

Tomando esse corpus como objeto de estudo, o objetivo principal do projeto de tese que atualmente desenvolvemos no curso de doutorado interinstitucional UFMG/UFPA é identificar, descrever e analisar na interação entre pesquisadores e informantes do projeto as marcas do discurso que sinalizam os movimentos interacionais realizados na condução de um encontro social, as entrevistas para coleta das narrativas, que sinalizam o modo como também se negociam as relações interpessoais em uma relação hierárquica entre sujeitos que atuam em domínios de conhecimento distintos. Os dois sujeitos que se confrontam neste processo são o pesquisador da UFPA e o informante. O primeiro tem como objetivo elicitado o informante a narrar algum episódio sobre o imaginário da região. Nesse confronto de saberes se estabelece também uma relação específica entre dois sujeitos sociais que se reflete nesse discurso e é essa relação social que, em uma perspectiva interacional sobre a linguagem, será resgatada.

Para Bakhtin (1997), "a enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório" (p.125). Destacar as marcas discursivas que caracterizam essa interação entre pesquisadores e informantes na coleta das narrativas é delinear os limites dessa ilha que se forma a partir da perspectiva do horizonte social de cada pólo da interação. Nesta atividade de confronto e solidariedade cada um se

constitui (e por extensão constitui o outro) como sujeito do discurso por meio das escolhas de suas formas de expressão. Temos, então, os limites do verbal e do social que se complementam, na verdade se confundem.

Na busca de instrumentos de análise para as marcas que compõem a organização desse domínio discursivo, o presente trabalho é o resultado de uma etapa de pesquisa em que considere a possibilidade de utilização da Teoria da Polidez, proposta por Brown e Levinson (1987), para a descrição e interpretação dos dados reunidos das entrevistas que compõem o corpus do Projeto Integrado IFNOPAP. Brown e Levinson apresentam as estratégias de polidez como um dos princípios organizadores da interação social, um mecanismo de organização sociolinguístico que inscreve marcas no discurso sobre como os interlocutores definem-se no intercurso da interação. Nesse sentido, postulam que a escolha de determinadas estruturas linguísticas para veicular os discursos se deve a questões relativas ao próprio processo enunciativo.

2 A TEORIA DA POLIDEZ

Para além da descrição de estruturas linguísticas em uso que refletem o nível de polidez empregado em situações comunicativas, a proposta de Brown e Levinson (1987) busca também as razões para o uso das estratégias de polidez ao postular quais as variáveis da situação comunicativa que definem a escolha das estratégias, evidenciando a relação linguagem e sociedade em uma perspectiva interacional que se define no confronto entre sujeitos com valores diferentes; algumas vezes valores complementares, outras vezes valores contraditórios.

As marcas desse processo são evidências de estratégias discursivas empregadas para atingir os diferentes objetivos comunicativos, estratégias que, por sua vez, são evidências das relações sociais entre os participantes, visto que é através

da linguagem que se refletem e se constituem tais relações em uma constante tensão entre o já institucionalizado e o que está por se institucionalizar, a possibilidade sempre presente da mudança. O discurso, nesta perspectiva, é visto como um espaço social de permanente tensão onde o que está em jogo é a constituição dos sentidos que implica também a constituição dos sujeitos, a constituição da história, a constituição do universo social. Essa perspectiva é ratificada pelo texto de Pires (1997, p.40):

Ao mesmo tempo em que o discurso é parte integrante desse mundo, ele também traduz o mundo aos olhos dos interlocutores, esse mundo que é fonte, mas igualmente receptáculo das situações comunicativas; um mundo dinâmico, provocador de ações, mas sempre aberto às mudanças e às interferências dos indivíduos que o compõem e que o definem como ele é ou como pretendem que ele seja.

O modelo proposto pelos autores (Brown; Levinson, 1987) postula que os participantes de uma situação interativa são dotados de duas características:

- a) a face;
- b) a intencionalidade.

O postulado da face é uma noção interativa que consiste em um conjunto de vontades satisfeito pela ação dos interlocutores e constitui-se de duas dimensões: a face positiva e a face negativa. A face positiva refere-se aos desejos de apreciação e aprovação das nossas atitudes. A face negativa relaciona-se ao desejo de não termos nossa liberdade tolhida pelos outros, refere-se a um território íntimo que pretendemos preservar.

Segundo Brown e Levinson (1987) alguns atos de fala são intrinsecamente ameaçadores à face (FTAs)¹ e para se realizarem precisam estar acompanhados de estratégias de polidez que possam minimizar esse poder ofensivo.

¹ "face-threatening acts".

Para determinar a força ofensiva de um FTA e conseqüentemente o nível de polidez que se inscreverá na enunciação dos atos de fala, é preciso avaliar três fatores:

- a) a dimensão social assimétrica que define a força que um interlocutor exerce sobre o outro — fator P;
- b) a dimensão social simétrica que define a distância social entre os interlocutores — fator D;
- c) o nível de imposição envolvido em realizar um FTA, *ranking* de imposições de um ato de fala definido cultural e situacionalmente — fator R.

A escolha de determinada estratégia com o objetivo de minimizar os efeitos de um FTA se define por fatores sociais que caracterizam a relação entre os interlocutores e pelo poder ofensivo do conteúdo da mensagem. O emprego dessas estratégias, portanto, é sinal de sensibilidade quanto às formas de distribuição de poder entre os integrantes de um grupo social. Em última instância, sistematizar comportamentos lingüísticos é também sistematizar comportamentos sociais que regulam a interação entre os grupos. Portanto, sistematizar as estratégias discursivas responsáveis pela organização interacional é trabalhar no domínio de interseção entre convenções socioculturais e princípios de uso da linguagem².

As estratégias de polidez realizam-se de duas maneiras:

- a) estratégias realizadas *on record*: *bald on record*³; *positive*

² "We believe that patterns of message construction, or 'ways of putting things', or simply language usage, are part of the very stuff that social relationships are made of (or, as some would prefer, crucial parts of the expressions of social relations). Discovering the principles of language usage may be largely coincident with discovering the principles out of which social relationships, in their interactional aspect, are constructed." (Brown; Levinson, 1987, p. 55)

³ São formas diretas de realizar um FTA sem retificações, casos em que privilegia-se a eficiência comunicativa, privilegia-se a economia de tempo ou ainda em casos nos quais entre os interlocutores há uma relação acentuadamente hierárquica que as preocupações em relação à face do outro não são consideradas.

- politeness*⁴, *negative politeness*⁵;
b) estratégias realizadas *off record*⁶.

As estratégias realizadas *on record* são aquelas em que o falante deixa claro em sua enunciação a intenção de realizar um FTA, seja acompanhado de retificações ou não. As estratégias realizadas *off record* são aquelas em que o falante utiliza atos de fala indiretos e que precisam ser devidamente inferidos pelo interlocutor para alcançar o efeito de sentido pretendido pelo falante.

Para a escolha da estratégia que melhor atenda aos propósitos comunicativos do falante cruzam-se informações acerca das variáveis P, D e R assim como a avaliação sobre a tensão entre os diversos objetivos a serem alcançados durante o processo interativo:

- a) o objetivo último da interação;
b) o objetivo de ser eficiente;
c) o objetivo de minimizar os efeitos do FTA.

Além das variáveis das circunstâncias sociais em que se desenvolve a interação para a seleção de cada estratégia, se cruzam também as vantagens que cada estratégia pode oferecer ao enunciador, os *pay-offs*. As estratégias *on record* podem oferecer créditos por honestidade/sinceridade; podem indicar que o falante confia em seu interlocutor; podem evitar

⁴ As estratégias de *positive politeness* são empregadas de forma a valorizar atitudes do interlocutor com vistas a minimizar um ato de fala impositivo que se anuncia. Segundo Brown e Levinson (1987) são estratégias *approach-base*, ou seja, procuram demonstrar que se está considerando os valores e desejos do interlocutor.

⁵ As estratégias de *negative politeness* são empregadas de forma a evitar que imposições sejam feitas em relação ao interlocutor. Segundo Brown e Levinson (1987) são estratégias *avoidance-based*, ou seja, estratégias que respeitam a liberdade de ação do ouvinte.

⁶ Neste trabalho, as diferentes estratégias de polidez não serão elencadas. Apresentamos algumas delas na seção destinada à análise de uma entrevista que faz parte do corpus do Projeto Integrado IFNOPAP.

que o falante seja visto como manipulador; podem evitar a possibilidade de um mal-entendido etc. As estratégias *off record* podem oferecer créditos pela atitude cautelosa do enunciador, podem evitar a responsabilidade do falante por um ato ameaçador à face do outro, podem permitir ao interlocutor a oportunidade de ser tão cuidadoso quanto o falante em resposta à deferência deste etc.

O postulado da intencionalidade prevê que ao produzir um texto os interlocutores estão envolvidos em um processo estratégico de escolha dos meios adequados para alcançarem determinados fins. Logo, para alcançarem o real valor dos sentidos do discurso, devem estar envolvidos em um conjunto de propósitos comuns e seus esforços devem estar direcionados para manter esse conjunto. É a noção do Princípio Cooperativo desenvolvido por Grice (1982).

A base do processo inferencial é a aceitação do Princípio de Cooperação, que prevê que os interlocutores compartilham uma série de premissas que sustentam a troca interativa: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (Grice, 1982, p. 86)

Para sustentar o Princípio de Cooperação, Grice postulou as categorias de qualidade, quantidade, relação e modo às quais se relacionam máximas e submáximas mais específicas que conduzem os interlocutores na construção dos sentidos. São essas categorias que permitem que, no intercâmbio da conversação, os interlocutores possam inferir, a partir do sentido convencional das palavras que compõem os enunciados, significados que efetivamente não estejam explícitos: as implicaturas conversacionais. Todo o conceito de coerência utilizado pela Linguística Textual pauta-se segundo o Princípio Cooperativo de Grice.

Já se disse que, segundo o Princípio Cooperativo de Grice, o postulado básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular os sentidos do texto do(s) interlocutor(es), partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc. Assim, mesmo que um texto não se apresente, à primeira vista, como perfeitamente coerente e não tenha explícitos os elementos de coesão, o receptor vai tentar estabelecer a sua coerência, dando-lhe interpretação que lhe pareça cabível, tendo em vista os demais fatores de textualidade” (Koch; Travaglia, 1990, p. 80).

Essa concepção de coerência corresponde ao que Marcuschi (1999) chama de “noção inferencial”:

[...] esta perspectiva toma a coerência como um conjunto de relações construídas mediante processos cognitivos, lógicos e pragmáticos expressos em atividades inferenciais a partir de condições postas tanto pelo código como pelo co(n)texto e pelas intenções dos falantes [...]. A coerência se daria, em essência, com base na concatenação de inferências produzidas a partir de um conjunto de postulados de sentido hipoteticamente construídos e assumidos, sendo básica (e problemática) a noção de conhecimentos partilhados.

Deste ponto de vista há uma interpretação prevista pelo produtor do texto que está sinalizada e o ouvinte/leitor, ao entrar em contato com o texto, como que aceita um contrato, uma série de acordos, postulados pelo falante/escritor. A responsabilidade em estabelecer um fio condutor para a leitura é do produtor, aquele que escolhe as marcas que guiarão seu interlocutor através do texto. No processo de co-construção de sentidos cabe ao ouvinte/leitor a tarefa de identificar os sentidos postulados pelo produtor do texto. O trabalho de interpretação parte do texto, tomado como um produto previamente construído pelo produtor e reconstruído pelo

ouvinte/leitor para alcançar os sentidos que o primeiro pretendeu produzir⁷.

No entanto, em uma perspectiva interacional da atividade lingüística, a tarefa de co-construção dos sentidos que cabe àquele que recebe o texto vai além da simples identificação dos sentidos postulados pelo produtor do texto. No processo de co-construção, os interlocutores estão inscritos em uma atividade de negociação dos objetos discursivos sinalizada na construção do texto e que determina a seqüência do discurso. Em uma perspectiva interacional para a explicitação do processo de interpretação textual, não se questiona o postulado inferencial da linguagem descortinado pela Pragmática, mas acrescentam aos postulados cognitivos os postulados interacionais na construção da coerência para uma descrição mais global para o fenômeno da atividade discursiva. Nesta nova perspectiva, os sentidos não estão já postos pelo produtor e sinalizados através das marcas lingüísticas, os sentidos são construídos colaborativamente, tomando-se as pistas que os textos oferecem como constituintes de um processo que é possível somente através da interação entre os interlocutores, pois confronta a experiência de cada um em relação à linguagem, logo em relação ao mundo. Nesse confronto entre usuários da linguagem se manifesta sempre a tensão entre a possibilidade de concordância entre os sentidos ou a possibilidade do diferente, do inusitado, do polêmico.

Marcuschi (1999) delinea uma nova noção de coerência que recobre essa dinâmica, a que ele denomina “noção interacional”:

[...] é a perspectiva que não concebe a coerência como uma propriedade do texto nem como um processo inferencial

⁷ “Our framework presupposes the other great contribution by Grice, namely his account of the nature of communication as a special kind of intention designed to be recognized by the recipient (1971). That account itself presupposes that what agents do is related systematically to their intents, and thus that intentions of actors are reconstructable by observers or recipients of actions.” (Brown; Levinson, 1987, p. 7)

apenas, mas como uma construção resultante do trabalho colaborativo do ouvinte/leitor no ato de co-produção do texto. A operação de produção de coerência não é um ato puramente individual mas coletivo [...] O sentido passa a ser uma construção social realizada na comunicação.

Dentre as teorias que buscam descrever o processo de interpretação como uma atividade de linguagem que alia ao componente cognitivo o componente interacional, citarei a proposta de Speber e Wilson (1989) sobre o Princípio da Relevância. As considerações que Speber e Wilson fazem é que nem sempre na interação há garantia de que os interlocutores realmente estejam engajados em um movimento cooperativo, os diálogos diários e os conflitos neles gerados, a luta pela tomada do turno em situações conversacionais podem comprovar o contrário.

Enquanto para Grice (1982) o contexto de uma interação é dado e compartilhado pelos interlocutores e o falante/escritor deve respeitar a máxima da relevância em relação a esse contexto, para Speber e Wilson (1989) o contexto é gerado, co-construído pela interação entre os interlocutores e a relevância é o princípio pressuposto, acionado imediatamente por um estímulo ostensivo, que permitirá o confronto entre os diferentes contextos.

Ele (o Princípio da Relevância) passa a ser considerado como uma característica de processamento cognitivo inerente à espécie humana que permite a contextualização mais adequada possível no decorrer de processos comunicativos” (SPEBER; WILSON, apud ALVES, 1996, p.189).

Não se trata mais de inferir a intenção comunicativa do produtor do texto, trata-se agora de inferir a informação relevante dentro dos limites de um efeito contextual⁸ gerado.

⁸ Alves (1996) assim traduz o conceito de relevância postulado por Speber e Wilson (1989): “[...] é o resultado de um comportamento ostensivo por parte do emissor e de um comportamento inferencial por parte do receptor que, apoiados por uma manifestação mútua e situados em um certo ambiente cognitivo, geram um efeito contextual capaz de

Isso implica uma abertura para diferentes interpretações consistentes dentro desses limites. Portanto, a depender desse efeito contextual as estratégias de polidez podem ser ora direcionadas à face positiva, ora à face negativa do interlocutor, bem como de alguma forma trazer embutidas em seu funcionamento uma ameaça em relação à face do outro.

Por exemplo, o emprego de determinadas formas de tratamento pode ser interpretado de forma dissonante entre os interlocutores: na tentativa de demonstrar respeito pelo interlocutor com a intenção de preservá-lo a face negativa, o falante pode estar, na verdade, ameaçando a face positiva de seu interlocutor ao usar de formalidade, contrariando as expectativas deste de ser reconhecido como parte integrante do grupo social; ou, ao contrário, ao tentar diminuir a distância social entre os interlocutores a atitude do falante pode ser interpretada como uma ameaça à face negativa do interlocutor, como uma excessiva familiaridade que não é bem aceita pelo outro. Exemplos como esses demonstram que o funcionamento das estratégias de polidez não pode em hipótese alguma estar dissociado do contexto interativo em que elas ocorrem. O valor de cada estratégia é definido nessa arena interativa que envolve interlocutores agindo na co-construção do discurso e onde atuam conjuntamente processos cognitivos e interacionais.

3 ANÁLISES PRELIMINARES

Mesmo não se tratando de conversações cotidianas informais, o corpus escolhido para análise se caracteriza pela interação entre dois ou mais sujeitos que coordenam ações para a co-construção dos discursos. Constitui-se de entrevistas feitas por pesquisadores da UFPA com o objetivo de eliciar

explicar o funcionamento de processos de comunicação” (p. 187). Ao explicitar os termos que compõem esse conceito, define efeito contextual como “o resultado da troca entre informações novas e velhas com o menor desgaste processual possível” (p. 188).

diferentes informantes, de diferentes faixas etárias, a narrar episódios relativos ao imaginário da região.

Essas entrevistas não possuem um único roteiro a ser seguido, apresentam extensão variada e organizam-se sobre os mais diferentes tópicos discursivos, o que constitui a sua riqueza enquanto corpus de análise para as diferentes áreas da lingüística e da literatura, além das demais áreas do conhecimento que se ocupam da linguagem em suas diferentes dimensões.

Na tentativa de descrever algumas das estratégias de polidez que caracterizam este discurso, e por conseguinte caracterizam também a relação interpessoal entre os interlocutores, vale a pena ressaltar as seguintes marcas⁹:

■ A forma de tratamento utilizada pelos interlocutores.

A forma de tratamento é assimétrica: ao dirigir-se ao informante, o pesquisador usa uma forma de tratamento mais formal — senhor. O informante dirige-se ao pesquisador utilizando a forma menos formal — você.

A princípio formulo a hipótese de que essa assimetria se deve à diferença de idade que há entre os interlocutores o que caracteriza entre eles uma distância social — fator D — que anula a relação de poder — fator P — que poderia favorecer o pesquisador, o responsável pela condução do discurso.

■ As estratégias empregadas para valorizar o conteúdo da narrativa.

Uma das estratégias de *positive politeness* descritas por Brown e Levinson (1987) diz respeito às formas encontradas pelo falante para valorizar a sua própria contribuição conversacional¹⁰. Para tanto algumas estratégias são empregadas, entre elas:

⁹ Para este ensaio de análise a entrevista selecionada foi Co1CZter110993
¹⁰ "Another way for S to communicate to H that he shares some of his wants is to intensify the interest of his own (S's) contributions to the conversation, by 'making a good story'." (Brown; Levinson, 1987, p.106)

a) o uso do discurso direto:

If. /.../ o padre amansô aí foi:: disse S como é que tu queres trabalhá e tal...tu tens máquina ↑ ele disse tenho nos foi presenteado uma máquina ele viu a máquina achô interessante...aí foi disse tu tens filme ↑ ...aí foi e disse eu não tenho mas tem umas casa aí que aluga filme aí ele disse esses filmes que essas casa alugam são consoante com:: o ambiente da igreja ↑ ele disse tem pra tudo aí deu o nome dos filme ele disse é bom aí foi disse S tu tens BANco ↑ ...ele foi e disse não tem padre eu:: tô com vontade de comprá umas duas dúzia de tábuas e um (inc.) aí antes de passá:: a fita eu faço uma preleção digo pro pessoal a situação que nós estamos (inc.) pra angariá dinheiro pra fazê fundo pras despesas que nós tamos (inc.) aí o padre foi disse S eu tenho um bocado de banco lá...eu::renovei os banco da igreja tão tudo novo...e tem um bocado de banco lá...tão velho...mas ainda serve tu queres ↑ ele disse quero ↓ tem uma coisa tu manda buscá amanhã ↓ ele disse mando ↓.../.../

A escolha do discurso direto para a representação do discurso das personagens é tomada pelos autores como um modo de intensificar o interesse do ouvinte pela narrativa, uma vez que cria a ilusão de envolvimento maior nos acontecimentos que estão sendo narrados. A opção pela representação direta do discurso reportado tem ainda outras implicações sobre o processo de co-construção do sentido que podem ser desvendadas com uma análise da organização polifônica do discurso. Como não é objetivo deste artigo aprofundar questões dessa natureza, cabe aqui apenas lembrar que:

A transmissão do discurso de outrem, é, ao mesmo tempo, uma estratégia discursiva e uma estratégia textual. Assim, ao construir um texto narrativo, por exemplo, o enunciador, além de fornecer as indicações que visam a guiar a compreensão do ouvinte, pode também pretender (e as mais das vezes pretende) atuar sobre ele (o ouvinte),

no sentido de comovê-lo, persuadi-lo, dissuadi-lo ou diverti-lo. Ao reproduzir em discurso citado as palavras que atribui a outra pessoa, adaptando-as ao contexto narrativo, o enunciador promove a unidade do texto e engendra a dinâmica textual, mas também pode colorir o discurso de outrem com as suas próprias entoações, a fim de alcançar objetivos específicos. Por seu caráter acentuadamente dramático, o discurso direto, em suas diferentes modalidades, apresenta-se ao produtor do texto narrativo como um instrumento eficaz para a consecução desse duplo intento” (Sá, 1997, p.73-74).

b) estratégias para manter o engajamento do ouvinte durante o relato:

If. /.../aí o:: o padre de lá sôbe...aí veio aqui zangado...o seu S... apelô para ingnorância...ele discutiu com o padre MAS eu... compreendi eh:: o negoço ti tirei a:: razão nossa entreguei pro para o padre eu disse *é seu S...realmente nós pe/ nós nós pecamo... nós erramo... mão mão à pal palmatória quem é o vigário da igreja é o padre F...tão::* o direito todo era dele ele devia sabê ele era quem devia orientá co como era pra fazê aí o S compreeu a minha jogada...aí (inc.) pediu desculpa aí o padre amansô — a **humildade sempre é contra a soberba né**↑

P. [é

São muitas as estratégias que tem por objetivo um maior engajamento do ouvinte durante a apresentação da narrativa. No exemplo acima, há a ocorrência de um segmento digressivo acompanhado de um marcador discursivo orientado para o ouvinte com vistas a buscar sua adesão. Urbano (1997) faz referência a marcadores discursivos considerados como marcadores de “busca de aprovação discursiva”¹¹ (BAD) do tipo né?, sabe? etc. Tais marcadores sinalizam a busca por dois tipos de aprovação: a busca de aprovação para o argumento que antecede o marcador e a busca de aprovação que ratifique o papel conversacional de

falante daquele interlocutor que detém o turno. De acordo com Estrada (apud Simões, 1999) o marcador “né” é o mais recorrente dentre os marcadores tags encontrados nas narrativas do projeto. As funções desses marcadores variam entre destacar elementos da narrativa que terão valor significativo para a compreensão da história a atenuar o valor impositivo de certos enunciados e desse modo proteger a face dos interlocutores. Estrada também faz referência a marcadores cuja função é buscar a aprovação discursiva, marcadores freqüentemente encontrados em segmentos avaliativos das narrativas e ligados a enunciados que veiculam argumentos pessoais ou opiniões gerais.

O que interessa aqui assinalar é o caráter interativo de tais marcadores. Por meio desses elementos volta-se a atenção para a organização situacional da atividade de narrar e o contador faz marcar sua relação com seu auditório, acentuando o caráter dialógico da atividade interacional em que o discurso narrativo se insere.

c) o exagero em certas passagens narrativas com vistas a dramatizar seu conteúdo:

If. a igreja quando eu cheguei aqui a igreja nós:: participávamos da missa era uma **CAPELINHA...** ficava no meio do leito da rua mais ô meno ali empareado com aquelas casa daquele preto que fazia (inc.) o S né↑ /.../

As alterações prosódicas no contínuo da fala durante a apresentação da narrativa também são consideradas por Brown e Levinson (1987) estratégias de *positive politeness*, pois marcam a valorização da história e a conseqüente atenção do ouvinte durante o relato.

¹¹ “Recherche d’approbation discursive” (Settekorn, 1977, apud Urbano, 1997, p.56)

■ As estratégias para tentar minimizar a distância social que há entre os interlocutores.

P. seu nome completo↑

If. raimundo trajano de souza...souza com z

P. **hum:: o senhô é meu parente ((risos))**...sua idade↑ /.../

Na interação entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP não importa apenas solicitar ou fornecer a informação desejada, visando à finalidade sócio-objetiva¹² do encontro, importa também considerar a co-construção de relações interpessoais que favoreçam a condução do encontro, visando a uma finalidade sócio-subjetiva¹³. Intervenções como, "*hum:: o senhô é meu parente ((risos))*", não estão centradas unicamente em um conteúdo de natureza informativa, antes se voltam para a gestão das imagens que permanentemente estão sendo construídas durante a interação entre os sujeitos, buscando valorizar a face positiva de cada interlocutor.

■ Estratégias para a introdução de novos tópicos.

A princípio, cabe ao pesquisador a condução da entrevista e portanto os tópicos são introduzidos de forma direta, diria *bold on record*:

If. daqui que partiu o nome pra todos os lu:: os lugares muito embora
pra lá não tem nada de firme não tem nada de fir-meza
mas:: devido

P. [((risos))
esse pedacinho aqui aí:: eu:: é o BAIRRO aí ficô o bairro

¹² As finalidades sócio-objetivas são aquelas por meio das quais as condutas dos sujeitos estão voltadas principalmente (e não exclusivamente) para a modificação do estado de coisas que compõem o mundo físico. (Filliettaz, 2000, p.77)

¹³ As finalidades sócio-subjetivas são aquelas por meio das quais as condutas dos sujeitos estão voltadas principalmente (e não exclusivamente) para a co-construção das imagens e para o gerenciamento das relações interpessoais. (Filliettaz, 2000, p.77)

de terra firme...

é isso↓

[

P. **aque aquela igreja ali é antiga é também↑**

If. a igreja quando eu cheguei aqui a igreja nós::

participávamos da missa era uma CAPELINHA...

ficava no meio do leito da rua mais ou menos ali /.../

Com o desenvolvimento do percurso narrativo, o informante passa a contribuir para a dinâmica de mudança de tópicos discursivos, ora insistindo em manter o tópico em curso, ora propondo ele mesmo a mudança de tópico. Para tanto utiliza algumas estratégias para minimizar o FTA.

P. /.../ então foram vocês que construíram...essa igreja (inc.) o senhô/

conhece muitas histórias assim:: tipo de fantas::ma↑

If. não:: não tem essa história de fantasma sim / eu tenho::
hem::

P. [daqui↑
alguma:: alguma coisinha poca mas eu não dô lá muita
conversa

[P. sim
P2 me conta

eu:: não sô muito assombrado mas nós vamos às outras
histórias...

P. [s i m
((risos))

/.../

No exemplo acima, para sugerir a manutenção do tópico discursivo em curso, o informante utiliza a 1ª pessoa do plural, de maneira a reforçar que ele e o pesquisador estão engajados em uma atividade cooperativa. A intenção do informante é ratificada pelo pesquisador ao consentir a manutenção do tópico sem maiores questionamentos.

If. /.../é então eu gostaria muito - ainda hoje eu estive falando com a

Professora - PORQUE não se faz uma força PORQUE não se faz não se vai com os juízes...porque não não se cria o:: o negócio de voto distrital...porque é uma coisa de muita necessidade CADA BAIRRO se mantesse ELEGESSE seus candidatos de acordo com o voto (inc.) não era o camarada vi buscá os votos aqui e depois esquecê de de de quem os os eleger (inc.) **QUANTO ao que você falô de de fantasma...eu sô um cara meio desassombrado.../.../**

Quando o informante acha conveniente a mudança de tópico, ele a propõe ressaltando que este tópico é ainda de interesse do pesquisador, como no exemplo acima.

■ Estratégias que visam a demonstrar que há cooperação entre os interlocutores.

If. sim aquele que chamavam (safado)...era um político antigo que

teve aqui já morreu

P. prefeito/ que ele era ↑ era

If. [não ele era um político

P. [hum::

If. vereadô:: essas coisas

P. alguma coisa assim

If. [é mas nunca foi:: não era daqui mesmo...é outra coisa um /.../

A indefinição que está presente na fala do informante é

aceita pelo pesquisador, demonstrando que eles compartilham certos conhecimentos e que, mais uma vez, na construção do discurso estão envolvidos em um movimento colaborativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a tentativa de aplicação do modelo tenha sido tímida, o processo de reflexão sobre os postulados da Teoria de Polidez preenche espaços na fundamentação teórica necessária para ratificar ou retificar minhas hipóteses acerca do meu objeto de estudo e busca aliar pontos de vista diferentes sobre a atividade discursiva que esclareçam seu funcionamento de forma mais global.

Debruçar-se sobre os modos de organização da atividade discursiva não é uma tarefa simples, muito menos irrelevante. É, na verdade, uma tarefa pertinente para o conhecimento de nossa prática sócio-discursiva e conseqüentemente um desdobramento para o melhor entendimento das relações interpessoais constituídas e sustentadas pelos discursos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio. D. Speber ; D. Wilson, E.-A. Gutt e F. Alves: a teoria de relevância aplicada aos estudos da tradução. In: VIEIRA, Else Ribeiro Pires (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*: Curso de Pós-graduação em estudos lingüísticos de Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge :University Press, 1987.

DUQUE-ESTRADA, Megan Parry de Castro. Narrativas orais e uso de marcadores tags. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *A cultura amazônica em suas multivozes*. Belém: UFPA, 1999.

FILLIETTAZ, Laurent. *Actions, activités et discours*. Tese (doutorado) — Université de Genève, Faculte des Lettres, 2000.

GRICE, Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos Metodológicos da Lingüística*. Campinas, SP: UNICAMP, 1982. V.4

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990. V.4.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Coerência e cognição contingenciada. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN, 1999.

PIRES, Maria Sueli de Oliveira. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP, 1997.

SÁ, Maria da Piedade Moreira de. O discurso reportado no contexto narrativo. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997.

SPERBER, D.; WILSON, D. *La pertinence*. Paris: Minuit, 1989.

URBANO, Hudinilson. Revisitando os marcadores discursivos: os fáticos retroalimentadores. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997.